

SUMÁRIO

Prefácio	10	Procurando o monte Sinai no norte da península do Sinai	110
		Procurando o monte Sinai no sul da península do Sinai	112
		Seguindo a rota dos israelitas	113
CAPÍTULO 1: GEOGRAFIA FÍSICA DAS TERRAS BÍBLICAS	13	A ocupação da Transjordânia pelos israelitas	115
O papel da Geografia na interpretação da história	14	As batalhas de Jericó e Ai/Betel	116
O papel da Geografia na interpretação da Bíblia	16	A batalha de Gibeão	118
Uma introdução geográfica ao mundo da Palestina	18	A batalha de Hazor	120
Como parte do Crescente Fértil	18	A distribuição das tribos na terra	122
Como terra preparada por Deus	24	As cidades levíticas e as cidades de refúgio	124
Terminologia histórica	29	Uma análise da colonização israelita da Palestina	126
Distritos geopolíticos	32	Descobertas recentes intrigantes	126
Visão panorâmica da geografia do território herdado pelo Israel bíblico	40	Campanhas militares egípcias em Canaã	131
Topografia física	40	Tutmés III	131
Geologia	56	Amenhotep II	131
Hidrologia	58	Seti I	132
Clima	64	Merneptah	132
Arborização	66	Sisaque	132
Cidades do mundo bíblico	67	A época dos juízes	134
A correta identificação de cidades antigas	72	Otoniel, Eúde e Sansão	137
Estradas e transporte no mundo bíblico	76	Otoniel	137
Dificuldades de viagem na Antiguidade	81	Eúde	138
A localização das principais estradas	84	Sansão	138
Viagem por mar	86	A judicatura de Débora e Baraque	139
CAPÍTULO 2: GEOGRAFIA HISTÓRICA DAS TERRAS BÍBLICAS	87	As judicaturas de Gideão e Jefté	141
Jardim do Éden	88	Os deslocamentos da arca	143
A Tabela das Nações	91	As guerras do rei Saul	145
Os 14 descendentes de Jafé	91	O reino de Saul	148
Os 30 descendentes de Cam	92	Davi e Golias	150
Os 26 descendentes de Sem	96	Davi em fuga	151
As migrações dos patriarcas	98	A batalha do monte Gilboa	153
As peregrinações dos patriarcas	100	Os grandes feitos do rei Davi	155
Abraão na Palestina	101	A rede de comércio internacional de Salomão	159
Os patriarcas na Palestina	104	Társis: uma localidade real	159
A rota do Êxodo	106	Os navios de Társis	162
Os antecedentes históricos	106	Indícios de comércio fenício no Mediterrâneo no século 10 a.C.	164
O contexto geográfico	106	A administração doméstica de Salomão	166
Os israelitas junto ao mar	108	A monarquia se divide	168
Procurando o monte Sinai na Arábia Saudita/sul da Jordânia	109		

As cidades fortificadas de Roboão	171	O Império Romano	232
Judá e Jerusalém sitiados	173	A ascensão de Herodes, o Grande	234
A batalha de Qarqar	177	Os primeiros anos de Jesus	238
Os grandes feitos de Jeú contra a casa de Acabe	179	Jesus se muda para Cafarnaum	241
Os profetas de Israel	181	As viagens de Jesus a Jerusalém	246
O Império Assírio	183	As aparições de Jesus após a ressurreição	248
As campanhas militares assírias contra Israel e Judá	185	A diáspora judaica por ocasião do Pentecostes	250
A batalha de Carquêmis	189	O ministério de Pedro e Filipe	251
Jerusalém é conquistada pela Babilônia	191	Filipe	251
Deportações e retornos dos judeus	194	Pedro	251
O reino da Babilônia	196	As extensas viagens do apóstolo Paulo	253
Jeremias é levado para o Egito	198	As viagens missionárias de Paulo	254
A Judeia depois do Exílio	201	A primeira viagem missionária de Paulo	254
O Império Persa	203	A segunda viagem missionária de Paulo	257
Ciro II (Ciro, o Grande) (559 a.C.-529 a.C.)	203	A terceira viagem missionária de Paulo	261
Cambises II (529 a.C.-522 a.C.)	203	A viagem de Paulo a Roma	263
Dario I Histaspes (521 a.C.-486 a.C.)	203	As sete igrejas da Ásia	266
Xerxes I (485 a.C.-465 a.C.)	206	A Primeira Revolta Judaica	268
Dario II Noto, seus filhos e o declínio do Império Persa	206	A disseminação do cristianismo no mundo romano	271
A campanha militar de Alexandre, o Grande, contra a Pérsia	207	Notas do capítulo 1	277
A batalha de Isso	212	Notas do capítulo 2	280
Cidades helenísticas na Palestina	214	Índice de citações nos mapas	292
A revolta macabeia	216	Índice de passagens bíblicas	297
Jerusalém ao longo das eras	220	Índice geral	302
O nome	220	Bibliografia	304
Topografia	222		
Explorações e escavações	223		
História	224		

TABELA DE REDUÇÕES GRÁFICAS

1QapGen	<i>Apócrifo de Gênesis</i> , da caverna 1 de Qumran	LXX ^A	Códice Alexandrino
1QM	<i>Guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas</i> , da caverna 1 de Qumran	LXX ^B	Códice Vaticano
3Q15	Rolo de Cobre, da caverna 3 de Qumran	LXX ^S	Códice Sinaitico
4QEn ^d	Fragmento de <i>Enoque</i> , da caverna 4 de Qumran	mt., mts.	monte, montes
4QSam	<i>Samuel</i> , da caverna 4 de Qumran	n.	nahar [palavra hebraica para “rio” ou “riacho”] ou norte, quando empregado com a África
acád.	acádico	ND	nome de divindade
ar.	árabe	NE	nome étnico
aram.	aramaico	NP	nome de pessoa [de tempos antigos, clássicos, medievais ou modernos]
ARMT	Archives royales de Mari: transcriptions et traductions [Arquivos reais de Mari: transcrições e traduções]	NR	nome régio [de monarca não israelita nem judaíta]
c.	<i>circa</i> (por volta de)	NRn	nome régio [um rei de Israel (o Reino do Norte) durante a monarquia dividida]
cap., caps.	capítulo(s)	NRs	nome régio [um rei de Judá (o Reino do Sul) durante a monarquia dividida]
EA	sigla das Tábuas de Tell el-Amarna	PS	Pentateuco Samaritano
ELS	<i>Enchiridion locorum sanctorum. Documenta s. evangelii loca respicientia</i> . D. Baldi (ed.). Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1982	r.	rio
ep.	epígrafe [cabeçalho encontrado no início de muitos salmos]	rib.	ribeiro
gr.	grego	sum.	sumério
hebr.	hebraico	T.	<i>Tel/tell</i> [palavra hebraica/árabe para elevação artificial resultante de ocupação do terreno]
j.	jebel [palavra árabe para “monte”, “montanha”]	TM	Texto Massorético [o texto hebraico do Antigo Testamento]
kh.	khirbet [palavra árabe para “ruínas”]	u.	uádi [palavra árabe para curso d’água intermitente]
l.	lago	ug.	ugarítico
lat.	latim	Vulg.	Vulgata
LXX	<i>Septuaginta</i> . A. Rahlfs (ed.). Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1962		

MAPAS E FIGURAS

Barreiras geográficas e o mundo antigo	20	As batalhas de Jericó e Ai/Betel	117
Mesopotâmia	22	A batalha de Gibeão	119
O Levante	25	A batalha de Hazor	121
Fronteiras teológicas da Terra Santa	27	A distribuição da terra pelas tribos	123
Distritos do Antigo Testamento	33	Cidades levíticas e cidades de refúgio	125
Distritos do Novo Testamento	37	Uma análise do assentamento de Israel na Palestina: A	128
A localização estratégica da Palestina	41	Uma análise do assentamento de Israel na Palestina: B	129
As regiões geográficas da Palestina	43	Campanhas egípcias em Canaã	133
Altitude da Palestina	45	A época dos juízes	135
O vale de Jezreel	46	Os israelitas atacam Gibeá	136
Samaria	47	As judicaturas de Otoniel e Sansão	137
A região da Sefelá	49	A judicatura de Eúde	138
A falha geológica afro-árabe	50	A judicatura de Sansão	138
O mar da Galileia	53	As judicaturas de Débora e Baraque	140
O mar Morto	55	A judicatura de Gideão	141
A geologia da Palestina	57	A judicatura de Jefté	142
Os solos da Palestina	59	Os deslocamentos da arca	143
Montanhas e rios da Palestina	61	As guerras do rei Saul	146
Índice pluviométrico na Palestina	63	A batalha de Micmás	147
O clima do Oriente Médio no verão	64	O reino de Saul	149
O clima do Oriente Médio no inverno	65	Davi e Golias	150
Principais cidades da Palestina	68	Davi, o fugitivo	152
Principais sítios arqueológicos do mundo bíblico	74	A batalha do monte Gilboa	154
Principais sítios arqueológicos da Palestina	77	A batalha do vale de Refaim	155
Rotas de transporte do mundo bíblico	78	Os feitos do rei Davi	157
Rotas marítimas do mundo greco-romano	82	Os reinos de Saul, Davi e Salomão	158
As estradas da Palestina	85	Rede de comércio internacional de Salomão	160
O Jardim do Éden	89	Iniciativas domésticas de Salomão	165
A Tabela das Nações	93	Administração doméstica de Salomão	167
Migrações e viagens dos patriarcas	99	A divisão da monarquia	169
Abraão na Palestina	102	Cidades fortificadas por Roboão	171
Os patriarcas na Palestina	105	Judá e Jerusalém sitiados	174
Os israelitas deixam o Egito	107	A vulnerabilidade de Judá e Jerusalém	175
A rota do Êxodo	110	A batalha de Qarqar	177
A viagem dos espias	114	Os feitos de Jeú contra a casa de Acabe	179
Ocupação da Transjordânia por Israel	115	Os ministérios de Elias e Eliseu	180

Os profetas de Israel	181	A destruição de Jerusalém pelos romanos	229
O renascimento durante a monarquia dividida	182	Jerusalém moderna	231
O Império Assírio	184	O Império Romano	232
As primeiras campanhas assírias contra Israel	185	A ascensão de Herodes, o Grande	235
As campanhas assírias posteriores contra Israel e Judá	186	O reino de Herodes, o Grande	237
Palestina após a queda do Reino do Norte	187	Os primeiros anos da vida de Jesus	239
A batalha de Carquêmis	189	O ministério de Jesus na Galileia	243
A queda de Jerusalém diante da Babilônia	193	O ministério de Jesus na Palestina	244
As deportações e os retornos judaicos	195	A viagem de Jesus para Jerusalém	247
O reino da Babilônia	197	As aparições de Jesus pós-ressurreição	249
Jeremias é levado para o Egito	198	A diáspora judaica em Pentecostes	250
A visão de Ezequiel sobre a terra de Israel	200	Os ministérios de Pedro e Filipe	252
Judeia depois do Exílio	202	As primeiras viagens do apóstolo Paulo	255
O Império Persa	204	A localização estratégica de Antioquia	256
O Império Grego	208	A primeira viagem missionária de Paulo	257
Alexandre marcha através da Palestina	211	A segunda viagem missionária de Paulo	259
A batalha de Isso	213	A terceira viagem missionária de Paulo	261
Cidades helenísticas na Palestina	215	A viagem de Paulo para Roma	265
A Revolta dos Macabeus	217	As sete igrejas da Ásia	267
O reino macabeu	218	A Primeira Revolta Judaica	269
Jerusalém na época do Antigo Testamento	221	A expansão do cristianismo pelo mundo romano	272
Jerusalém na época do Novo Testamento	225	Comunidades cristãs primitivas na Palestina	275
Jesus e Jerusalém	227	As fronteiras do Israel moderno	276

PREFÁCIO

“A geografia é um sabor”. Ao redor do mundo, a rede de cafeterias Starbucks proclama isso em suas lojas e também nos pacotes de café que coloca à venda. A estratégia publicitária da multinacional continua transmitindo a ideia: “Você pode dizer muitas coisas sobre um café se souber de onde ele vem, pois cada grão possui um aroma e sabor peculiares à sua terra de origem. Cafés provenientes da Arábia são lendários pelos sabores parecidos com o de frutas vermelhas e por características como as do vinho. Aqueles procedentes da África se destacam pelos aromas florais e sabores cítricos. Os cafés da América Latina são aclamados por terem aroma bem balanceado, serem relativamente encorpados, terem sabor forte e marcante e qualidade constante. E aqueles da Ásia e Pacífico são populares devido a seus aromas suaves, convidativos e exóticos, tendo baixa acidez e sendo bem encorpados”.

É possível afirmar algo parecido no que diz respeito ao enredo da Bíblia: exala um aroma inconfundível, peculiar à sua terra de origem. Boa parte da natureza e da essência do enredo bíblico reflete as realidades geográficas específicas do lugar onde surgiu e ocorreu. Assim, por exemplo, a Terra das promessas de aliança de Deus poderia ter sido criada com o aroma de um ambiente sem defeito; poderia ter sido permeada com o aroma da perfeição ecológica ou climática. Poderia ter sido dotada do sabor de uma floresta tropical, pela qual passariam águas cristalinas em abundância; poderia ter sido criada com a textura e a vivacidade de uma campina coberta por uma grossa camada de grama ou com o aroma de um jardim gracioso, tomado pela fragrância de botões de flor, musgos e flores. Poderia ter sido — mas não foi. Conforme procurarei demonstrar, esta terra de promessas que Deus preparou como palco em que se desenvolveria seu enredo é um lugar que reúne as condições geográficas e ambientais mais duras e adversas. Por natureza, possui poucos recursos físicos e econômicos e se situa num local onde está inexoravelmente presa a um redemoinho de turbulência política sem fim; ao longo do período bíblico, essa terra proporcionou a seus moradores uma existência simples, frágil, incerta e precária, mesmo na melhor das circunstâncias. É importante e útil reconhecer que Deus preparou *certo tipo de terra*, situada em *determinado lugar* e feita de modo a produzir uma *resposta específica e apropriada*. Isso não quer dizer que eu creio que o propósito da Bíblia seja ensinar Geografia ou qualquer outra ciência. Quero apenas destacar que uma característica frequente da Bíblia é utilizar a geografia como meio de transmitir seu enredo. À medida que se apreciam o aroma e os parâmetros desse meio, é possível compreender mais plenamente o significado e a textura reveladores de determinado texto bíblico.

A essência da geografia impregnou o enredo bíblico de um aroma inconfundível. Não é o aroma da maior parte da

América do Norte, Europa ou boa parte do restante do mundo, mas, ainda assim, é um aroma marcante e bem encorpado, um aroma que é resultado de uma geografia única. Captar *esse* aroma dependerá em grande parte da capacidade de recuperar e avaliar o horizonte geográfico específico da Bíblia. São Jerônimo, que por muitos anos viveu nessa terra, escreveu o seguinte sobre a tarefa da interpretação bíblica: “Assim como aqueles que viram Atenas compreendem melhor a história grega e assim como aqueles que navegaram de Troia [...] até a Sicília e daí até Óstia do Tibre [porto romano situado no mar Tirreno e ampliado ao máximo pelo imperador Adriano, no século II d.C.; v. **mapa 26**] entendem melhor o Livro Terceiro de Virgílio [poeta latino], de igual maneira quem viu a terra de Judá com os próprios olhos ou se familiarizou pessoalmente com as referências históricas às cidades antigas [...] certamente terá uma compreensão muito mais clara das Sagradas Escrituras”.¹ A geografia desempenha *de fato* um papel crítico e faz *de fato* uma diferença decisiva, quer se tenha em mente uma fragrância em particular de um grão de café ou o aroma distintivo de um enredo bíblico!

Neste *atlas* entende-se que a Geografia compreende três conceitos distintos, ainda que estejam um tanto sobrepostos: geografia física (uma descrição daqueles aspectos topográficos e ambientais que caracterizam e dão corpo à terra), geografia regional (uma descrição daquelas subdivisões políticas e territoriais que abrangem a terra) e geografia histórica (um desdobramento diacrônico daqueles acontecimentos que ocorreram na terra, os quais permitem uma explicação geográfica). O capítulo um desta obra trata de aspectos da geografia física, bem como explica muitos dos principais parâmetros da geografia regional; o capítulo dois procura mostrar uma visão panorâmica da geografia histórica. O meu propósito nesse segundo capítulo não é apresentar um comentário completo e ininterrupto de todas as narrativas bíblicas analisadas, o que exigiria obras à parte, mas apenas oferecer um esboço geográfico suficiente para elucidar determinado mapa. Até certo ponto, esse capítulo se apegava à máxima enunciada por Thomas Fuller: “... o olho aprenderá mais em uma hora com um mapa do que o ouvido aprenderá em um dia com palavras”.²

Hoje em dia, qualquer pessoa que queira escrever sobre o mundo bíblico se defronta com o espinhoso problema da nomenclatura, mas essa questão talvez seja mais acentuada e incessante para o geógrafo. Devido ao clima político que se observa atualmente no Oriente Médio, para o geógrafo torna-se quase impossível empregar certas palavras — e.g., Israel/Palestina, Jordânia/Transjordânia, Margem Ocidental/Samaria-Judeia, golfo de Ácaba/golfo de Eilat, golfo Pérsico/golfo Árabe ou até mesmo Armênia ou Síria etc. — sem criar a impressão de que se está fazendo certa afirmação política

ou de que se está endossando uma ideologia nacionalista ou religiosa específica.³ Com essa realidade em mente, desejo logo de início afirmar da maneira mais clara e direta possível a meus leitores — cristãos, judeus ou muçulmanos — que minha agenda é puramente histórica e que, quando uso esses ou outros desses termos, mesmo num contexto pós-bíblico ou moderno, isso não deve ser interpretado como defesa de qualquer posição contemporânea específica, quer política, quer religiosa.

Outro problema enfrentado por qualquer autor de um atlas é a tensão entre a área coberta por um mapa e a escala em que é possível cobri-la. Se a área a ser coberta é grande, então a escala deve ser pequena, senão o mapa não vai se ajustar ao tamanho de uma página impressa. Mas isso pode resultar em um mapa extremamente vago e impreciso. Por outro lado, se o mapa tiver de ser composto em uma escala grande, então a área coberta tem necessariamente de ser pequena ou o mapa será, mais uma vez, maior do que o tamanho da página. Além disso, o mapa pode ser extraordinariamente detalhado, mas não ter a perspectiva maior ou não ter pontos fixos de referência. Esforcei-me por manter os mapas com a maior escala possível e, ao mesmo tempo, evitei deixar de fora uma área importante de um mapa, bem como utilizar setas que apontam para determinados lugares fora da área abrangida pelo mapa. Entretanto, em umas poucas ocasiões, foi inevitável uma seta apontando para a margem da página, embora tenha de reconhecer que essa prática pode ser irritante. Plutarco certa vez se queixou de práticas parecidas: “Geógrafos [...] encham as beiras de seus mapas com partes do mundo que fogem a seu conhecimento, acrescentando na margem notas que, na prática, significam que além desse limite só existem desertos de areia, sem água e repletos de animais selvagens, pântanos inalcançáveis ou mares gélidos”. Confio que meus leitores serão mais compreensivos, mas minha abordagem a esse problema de área coberta *versus* escala exigiu, às vezes, que a legenda de um mapa ficasse ao lado do mapa e não no próprio mapa.

São profundas as complexidades fonéticas entre vários sistemas de escrita empregados no mundo bíblico e é inevitável algum grau de inconsistência na grafia de nomes próprios. Apesar disso, procurou-se certo nível de sistematização. Nomes que possuem uma grafia portuguesa consolidada foram mantidos no atlas (e.g., Jerusalém, Babilônia, Grécia); nomes geralmente transliterados numa certa forma em português mantêm aqui essa forma usual (e.g., Merneptah, Akhetaton), muito embora a transliteração possa ser ligeiramente imprecisa; nomes que não aparecem em português são transcritos foneticamente (e.g., uádi Far’im, Kafr Bir’im), em geral sem diacríticos indicativos seja de duração de vogais, seja de pronúncia (observe-se que tanto uns quanto outros são empregados, quando é o caso, na transcrição de palavras que não são nomes próprios). Nomes árabes podem ser escritos com ou sem o artigo definido (*el-* ou *al-*, mas com frequência assimilado pela consoante seguinte) (e.g., Tell el-Amarna e não Tell Amarna, ou Jebel Magharah e não Jebel el-Magharah). Por fim, massas de água que são

citadas frequentemente e servem como importantes pontos geográficos de referência têm uma designação uniforme em toda a obra (e.g., mar Mediterrâneo e não nenhuma das outras formas como é conhecido: mar Superior, mar Grande, mar Ocidental, mar Grande da Síria, mar Grande Verde, *mare Internum*, *mare Nostrum*, mar de Hele, mar de Ísis ou *tâmtu elítu*; mar Morto e não nenhuma das demais formas: mar Salgado, mar da Arabá, *mare Maledictum*, *al-bahaire el-maita*, mar do Diabo, mar Fétido), muito embora se reconheça que tais designações são anacrônicas em alguns mapas. Com esse mesmo enfoque, a periodização histórica indicada por termos como “Idade do Bronze (Final)” ou “Idade do Ferro (Inicial)” reflete uma classificação de padrões arquitetônicos e/ou estilos de decoração em cerâmica da Antiguidade. Não tem nada a ver com trabalho com metais nem com qualquer outra forma de tecnologia metalúrgica.

Além das abreviações comuns encontradas na Tabela de Abreviações, determinados mapas mostram abreviações, símbolos e caixas explicativas na legenda e às vezes também no corpo do próprio mapa. O uso de ponto de interrogação, tradicionalmente empregado em mapas bíblicos para denotar cidades de localização incerta, foi evitado neste atlas, devido à irritação ou até mesmo à possível confusão que causa no leitor. Mas, com isso, não quero deixar implícito que exista certeza quando continua havendo dúvida sobre a identificação de um lugar. Em vez de ponto de interrogação, coloquei colchetes em torno do nome de uma cidade cuja localização seja considerada incerta; acredito que esse recurso é bem menos ostensivo num mapa e menos susceptível de ser mal entendido.

No material do final do atlas, o leitor encontrará três índices (Índice de Citações nos Mapas, Índice de Citações Bíblicas e Índice Geral). O Índice de Citações nos Mapas está organizado de acordo com o número do mapa e não com o número da página (para uma lista completa dos mapas organizada de acordo com o número da página, consulte a Tabela de Mapas e Ilustrações encontrada no material do início do atlas). É preciso ressaltar que o Índice de Citações nos Mapas não é uma espécie de dicionário geográfico (um índice abrangente de todos os nomes geográficos que aparecem na Bíblia, às vezes incluindo informações a respeito da pronúncia de cada nome, junto com uma descrição de sua localização e nome). Visto que dicionários geográficos já existem numa variedade facilmente acessível de versões e formatos, acho que não há necessidade de reinventar a roda. O Índice de Citações Bíblicas está organizado de acordo com o número da página no atlas; também segue a numeração de versículos das Bíblias protestantes em português, que às vezes diverge da numeração do TM. O Índice Geral procura incluir muitos nomes próprios e assuntos importantes tratados no texto, mas com algumas limitações. Por exemplo, personagens bíblicas citadas com frequência (e.g., Abraão, Davi, Jesus) não são incluídas nesse índice, visto que existem blocos inteiros de mapas/textos dedicados a essas pessoas (nesses casos, consulte a tabela de Mapas e Figuras encontrada no início do atlas). De igual forma, escritores clássicos frequentemente citados (e.g., Josefo, Plínio) não são incluídos no Índice, já que os

dados bibliográficos relevantes estão documentados nas Notas. Além disso, limitei deliberadamente o número de topônimos no Índice Geral, esperando assim minimizar a sobreposição com as correspondentes informações que aparecem de forma abrangente no Índice de Citações nos Mapas. Os nomes da maioria dos monarcas estrangeiros aparecem agrupados no Índice Geral de acordo com sua nacionalidade (e.g., monarcas assírios, monarcas persas, imperadores romanos), mas todos os demais dados estão organizados em ordem alfabética.

Por fim, este atlas jamais poderia ter se tornado realidade sem o trabalho dedicado de um grande número de pessoas, e meu agradecimento a elas é mais do que apenas uma tradição. Entre elas, Greg Thornton, vice-presidente de Moody Publishers; Dave DeWit, coordenador de projetos de Moody Publishers; Tim Dowley (Londres), editor de projetos; Nick Rowland (Cambridge, Inglaterra), cartógrafo; e Nick Jones, coordenador de coedição da Lion Hudson, em Oxford (Inglaterra). Todos os mapas são novos e digitalizados. O texto foi totalmente reescrito e bastante ampliado, com vasta documentação de apoio. Desejo expressar minha gratidão ao Conselho Administrativo da Trinity Evangelical Divinity School, cujo programa sabático de ênfase missionária representou uma ajuda substancial para apoiar e sustentar um projeto desse alcance e profundidade. Também quero expressar minha profunda gratidão a A. D. Riddle, meu aluno de pós-graduação, que investiu um número incontável de horas e dedicou bastante energia à conferência de meu trabalho e à preparação dos índices. E expresso sincero reconhecimento aos professores Davis Young, Walter Kaiser, James Hoffmeier e Douglas Moo, que leram partes

do manuscrito e ofereceram ideias e conselhos úteis. Naturalmente, quaisquer erros que existam são de minha exclusiva responsabilidade.

Finalmente, jamais conseguirei avaliar com justiça e muito menos retribuir a dívida de gratidão que tenho com minha esposa e filhos. Se, desde o início, não tivessem jubilosamente sacrificado seu tempo nem tivessem o tempo todo expressado paciência e dado incentivo, a execução deste projeto jamais teria chegado ao fim. Quanto a mim, o estudo da geografia culmina em doxologia. Confesso, ressoando a declaração do profeta, que “Aquilo que enche a terra toda é sua glória” (Is 6.3b) ou que, repetindo o refrão análogo encontrado nos lábios do salmista:

Apresentemo-nos diante dele com ações de graças
e o celebremos com cânticos de louvor.
Porque o SENHOR é o Deus soberano,
o grande Rei acima de todos os deuses.
As profundezas da terra estão nas suas mãos,
e os altos dos montes lhe pertencem.
Seu é o mar, pois ele o fez,
e suas mãos formaram a terra seca.
Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos;
ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou.
Porque ele é nosso Deus,
e nós somos o povo que ele pastoreia,
o rebanho que ele conduz. (Sl 95.2-7a)

BAALBEK, LÍBANO
MAIO DE 2009

CAPÍTULO 1

Geografia física das terras bíblicas



O PAPEL DA GEOGRAFIA NA INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA

A civilização ocidental tem em geral acolhido sem reservas a lógica das categorias filosóficas gregas e se esforçado por descrever realidades cósmicas em termos de “tempo e espaço”. Pessoas, ideias, movimentos e até mesmo os caminhos trilhados pelas nações têm, com frequência, sido interpretados exatamente de acordo com esses cânones. Por esse motivo, na análise de civilizações do passado e do presente há um emprego invariável de designações: pré-/pós-, Antigo/Final, a.C./d.C., leste/oeste, oriental/ocidental, Oriente Próximo/Extremo Oriente/Oriente Médio¹ (observe-se a palavra “ocidental” no início deste parágrafo!).

A própria teologia cristã não escapou dessa forma generalizadora de pensar: é possível descrever Deus em termos que são decorrentes da ideia de tempo (*infinitude*, *eternidade*) ou espaço (*onipresença*). E o cristianismo afirma que Cristo voluntariamente abriu mão desses atributos da divindade quando se encarnou, ficando “preso ao tempo e ao espaço”. Como consequência, mesmo numa análise superficial é possível começar a entender algo do impacto profundo causado pelas disciplinas temporal e espacial: respectivamente, a História e a Geografia.

Além do mais, em muitos aspectos a história está inseparavelmente amarrada e sujeita a limitações geográficas. A geografia é uma força propulsora que dá início à história política e ao mesmo tempo limita a natureza e o alcance dessa história, o que podemos chamar de geopolítica. A formação geológica e o tipo de rocha têm uma consequência decisiva na altitude, forma e amplitude da erosão, na localização e quantidade do suprimento de água e na topografia física. Por sua vez, isso afeta profundamente certos aspectos do clima, matérias-primas, formação do solo e uso da terra — fatores que podem afastar ou atrair a presença humana e com certeza influenciar a localização, a densidade e a constituição socioeconômica de um assentamento humano. Nos espaços onde se formam assentamentos, depois de algum tempo abrem-se estradas, que são usadas por migrantes, mercadores ou exércitos, e, no final das contas, a cultura chega a um lugar em particular. Dito de modo mais sucinto: “Retrocedendo passo a passo no tempo, a História se torna mais e mais geográfica até que, no início, toda ela é Geografia”².

Em resumo, com frequência fatores geográficos determinam onde e como será a geopolítica. Do ponto de vista geográfico, com certeza é significativo que civilizações antigas surgiram às margens de rios. O Egito antigo devia sua existência ao Nilo; o alimento para a Mesopotâmia provinha do Tigre e do Eufrates; a civilização do Vale do Indo situava-se ao longo do rio de mesmo nome; o Império Hitita estendia-se por ambas as margens do Halys; a cultura indiana antiga brotou nos vales dos rios Bramaputra e Ganges; a China antiga teve seus rios Amarelo e Yangtzé; e a cultura europeia surgiu nas margens do Tibre, do Tâmsa, do Danúbio, do Reno e do Sena. E não deixa de ser importante que o Império Romano

tenha se expandido até os rios Danúbio e Reno, uma fronteira que, durante parte do século 20, também correspondeu à da Cortina de Ferro. Até mesmo nos Estados Unidos do século 21, praticamente toda cidade importante, em termos de comércio ou indústria, fica próxima de um rio, do oceano ou dos Grandes Lagos. As poucas exceções situam-se nas intersecções de rodovias interestaduais importantes ou junto a aeroportos de grande movimento.

Outros fatores geográficos, como atividade sísmica e erupção vulcânica, têm de igual forma contribuído para modelar a história.³ É incontestável que a fisionomia de boa parte da Ásia ocidental e da África oriental se formou devido à atividade sísmica. Uma imensa fenda na superfície do planeta é o fator preponderante na formação do relevo da Síria ocidental, Líbano, Israel, Jordânia, Etiópia, Uganda, Tanzânia, Moçambique e ilha de Madagascar [v. **mapa 13**].

Na Ásia ocidental, a ocorrência de terremotos sempre significou que certas regiões eram inóspitas para a ocupação humana, fazendo com que os deslocamentos mais importantes se afunilassem basicamente em corredores na direção norte-sul. Por outro lado, as forças sísmicas que produziram a imponente cordilheira do Himalaia criaram aquilo que, na Antiguidade, foi uma barreira longitudinal intransponível, o que fez com que a expansão da cultura e o fluxo de mercadorias e pessoas ocorressem fundamentalmente no eixo leste-oeste. Imensas extensões de terras imprestáveis de lava sólida desafiavam o colonizador em potencial com um terreno deprimente, interrompido só de vez em quando por plugues basálticos ou cones de cinzas, lembranças sombrias da atividade vulcânica do passado. Mais importante é a dura realidade de que, com frequência, essa atividade vulcânica tornou o solo totalmente impróprio para a produtividade humana. Na Antiguidade isso sempre representou um ambiente hostil e brutal que causava uma dor intolerável aos animais de carga e, desse modo, impedia qualquer tipo de trânsito significativo de pessoas e mercadorias.

Erupções vulcânicas podem fazer com que uma parte da história termine de forma repentina. Com frequência vem à mente a imagem da erupção do Vesúvio sobre Pompeia em 79 d.C. A erupção do Tambora, na Indonésia, em 1815, provocou a morte de cerca de 92 mil pessoas e produziu, na alta atmosfera, uma nuvem de cinzas que refletiu a luz solar de volta para o espaço, o que causou um ano sem verão. A erupção do Cracatoa, em 1883, pôde ser ouvida em um terço da superfície da Terra, provocou um *tsunami* que foi possível notar em todos os oceanos, provocou no clima global mudanças negativas que perduraram vários anos e mataram mais de 35 mil pessoas. No entanto, destacando-se muito entre todos esses acontecimentos, temos a erupção na ilha grega de Santorini (Thera), localizada no sul do mar Egeu, aproximadamente a meio caminho entre a Grécia continental e a ilha de Creta [v. **localização nos mapas 111 e 112**].

Calcula-se que a intensidade da explosão no ponto zero foi mais de 15 vezes superior à da força da explosão atômica sobre Hiroshima. Na esteira da erupção colossal que ocorreu por volta de 1525 a.C. (com variação de 100 anos para mais ou para menos, dependendo de a datação ser arqueológica ou radiométrica), cerca de 80 quilômetros quadrados de terra desabaram, formando uma cratera de aproximadamente 685 metros de profundidade. Quando as águas do mar Egeu se precipitaram sobre esse abismo superaquecido (calcula-se que a temperatura foi superior a 1.400 °C) que acabara de ser criado, formou-se um *tsunami* gigantesco, que, calcula-se, chegou a alcançar 243 metros em seu ponto mais alto. Em 20 minutos, essa onda imensa — também empurrando um volume enorme de gases ardentes e tóxicos — atingiu catastróficamente Creta numa velocidade estimada de 320 quilômetros por hora e numa altura de 60 a 90 metros.⁴ Pedras-pomes cobriram o que restou de Santorini com depósitos vulcânicos de 20 a 59 metros de profundidade. Uma nuvem de pedras-pomes, cinzas e lava, calculada entre 35 e 46 quilômetros cúbicos de volume, foi lançada cerca de 80 quilômetros no céu, onde um vento predominantemente noroeste soprava na direção de Creta. A camada espessa de cinzas caindo deve ter criado uma atmosfera letal, poluindo a água, deixando os alimentos rançosos e ocasionando diversas enfermidades. Além do mais, pedras basálticas do tamanho de uma cabeça humana foram atiradas como mísseis de Santorini diretamente para Creta. Fragmentos de pedra-pomes, levados pela água e que revelam ter origem em Santorini, têm sido encontrados ao longo de toda a faixa da bacia do Mediterrâneo oriental e até em lugares de terra firme tão distantes quanto Israel e Egito.⁵ Não é difícil de entender como toda a cultura minoica de Santorini experimentou um fim abrupto e catastrófico, nem como vários palácios minoicos de Creta sofreram muitos danos e, talvez, até mesmo tenham sido destruídos na ocasião.

Montanhas, desertos e oceanos têm — todos eles — influenciado o local ou a natureza de acontecimentos geopolíticos. É frequente os jornais de hoje destacarem notícias relacionadas aos efeitos do El Niño no continente, tais como a salinização do solo, a fome generalizada e a escassez de alimento ou o aquecimento global. Alguns desses mesmos fatores geográficos desempenharam papel bastante importante na geopolítica do antigo Oriente Próximo. Com frequência, os textos antigos descreviam a falta de alimento, e os estudiosos têm demonstrado plenamente como flutuações climáticas tiveram efeito negativo na cultura antiga.⁶

Entre a derrocada da frota persa na batalha de Salamina (480 a.C.) e a derrota da armada espanhola (1588 d.C.), houve um “teatro de operações do Mediterrâneo” na história. Tanto o norte quanto o sul do Mediterrâneo competiam regularmente pela superioridade política e cultural. Mas, depois das viagens oceânicas de Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, a soberania geopolítica do Mediterrâneo foi desafiada, à medida que a Renascença e algumas de suas cidades destacadas começaram a perder a importância e a “história” caminhou rumo ao oeste.

Recursos naturais representam ainda outro fator geográfico que influencia o lugar e a natureza de acontecimentos

geopolíticos. Uma ampla gama de documentos da Antiguidade tratou explicitamente da necessidade de se ter o controle sobre o estanho do Afeganistão, o cedro do Líbano, a prata da Assíria, o cobre de Chipre, o ouro da Espanha e o marfim do interior da África. E quem pode duvidar que a geopolítica moderna foi notavelmente alterada pelo cartel da OPEP? Aliás, a geografia é o palco em que ocorre a encenação da história, pois, sem a geografia, a própria história caminhará de um lado para o outro, vagueando sem rumo.⁷ Parafrazeando a máxima que se costuma atribuir a Will Durant — embora a atribuição seja provavelmente errônea — a civilização existe por consentimento da geografia e está sujeita a mudança sem prévio aviso.⁸

O impacto da geografia na história também se estende ao domínio teórico. Assim como o ambiente afeta a cultura, na prática a geografia estabelece os limites dentro dos quais a história deve operar. Estudiosos do impacto da geografia na história têm feito uma distinção utilíssima entre o efeito *determinante* e o efeito *limitador* da geografia. Quando um clima enregelante de inverno exige o uso de roupas pesadas, na temperatura em si não existe nada que determine se as pessoas vão se vestir com roupas feitas com pele de foca ou com lã de ovelhas Shetland, *mas elas têm de obter e vestir roupas de inverno*. Quando, de alguma maneira, uma região imprópria para a agricultura passa a ser povoada, quase nada do meio ambiente determina previamente quais animais domésticos serão criados ou se a comida vai ser obtida por meio de anzóis, redes, armadilhas ou lanças, *mas com certeza surgirá uma sociedade não agrícola*.

Do ponto de vista geográfico, faz sentido que lugares no Oriente Próximo que revelam terem sido habitados há mais tempo — monte Carmelo, Shanidar, Çatal Hüyük, Jarmo, Hacilar [mapa 23] — estejam localizados justamente em regiões que recebem uma média anual de chuva capaz de manter a produção espontânea de cereais silvestres em quantidade suficiente para sustentar a presença humana. Também faz sentido que certas plantas e animais sejam peculiares apenas a um hemisfério ou que a escrita tenha surgido no tempo, no lugar e na forma em que aconteceu. Tudo isso é expressão de história geopolítica, que esteve e continua a estar sujeita às limitações e ao controle indireto da geografia.

Podem ser percebidas muitas das mesmas limitações até em nosso moderno mundo tecnológico, em que é possível irrigar extensas áreas desérticas ou atenuar o calor sufocante mediante o uso do ar condicionado; em que a fotografia que satélites tiram da terra, com equipamentos com infravermelho, pode descobrir imensos reservatórios de água doce existentes em cavidades nas profundezas do interior da Terra ou em que a chuva artificial e a irrigação ampla podem diminuir a severidade de um ambiente árido; em que rios de correntezas devastadoras podem ser contidos com represas enormes e até mesmo aproveitados para geração de energia elétrica; em que imensas barreiras montanhosas podem ser aplainadas, perfuradas ou facilmente transpostas; e em que viagens aéreas permitem chegar de maneira rápida e prática a lugares distantes. Dá para imaginar como essas limitações geográficas teriam sido mais acentuadas e profundamente determinantes num ambiente anterior a toda essa sofisticação tecnológica — tal como o mundo bíblico.

O PAPEL DA GEOGRAFIA NA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA⁹

Questões sobre “tempo e espaço” são uma das dificuldades que continuam exasperando os estudiosos da Bíblia no século 21. As afirmações existentes nas Escrituras surgiram e foram registradas num ambiente inconfundível; no entanto, aqueles que hoje estudam a Bíblia vivem numa era diferente e abraçam uma cosmovisão diferente. A maioria vive num continente diferente. Assim, em nosso desejo de chegar a uma interpretação e aplicação corretas da Bíblia, temos de garantir ao máximo que nossa empreitada se faça com um bom conhecimento da estrutura contextual da própria Bíblia. Para começar, é imperativo que se veja a geografia (espaço) não como algo supérfluo, que pode ser arbitrariamente divorciado da interpretação bíblica. Ao contrário, o retrato bíblico tanto de Israel quanto da Igreja é pintado em vários níveis, inclusive no nível territorial.¹⁰

Na realidade, é frequente a noção de “espaço” conduzir as narrativas bíblicas. O relato pode dizer que um acontecimento se deu em certo monte, num vale em particular, numa planície específica, em determinada cidade. Às vezes, o nome do próprio lugar se torna uma parte importante da revelação, com frequência incluindo um jogo de palavras ou trocadilho, a fim de reforçar, na mente das pessoas, o lugar do evento. Ocasionalmente um detalhe geográfico se torna um eixo teológico em torno do qual gira todo um livro bíblico, ou então uma parte significativa de um livro é particularmente rica em metáfora geográfica: por exemplo, fertilidade e o livro de Deuteronômio, florestamento e o livro de Isaías, hidrologia e o livro de Salmos ou agricultura e o livro de Joel. Com frequência, é justamente a referência ou alusão geográfica que permite que os estudiosos determinem o lugar de origem de um livro (como é o caso de Amós no Reino do Norte ou de Tiago na bacia oriental do Mediterrâneo).

Num sentido talvez ainda mais profundo, no Antigo Testamento a fé judaica estava ligada de forma inextricável a espaço, e “terra” se tornou o prisma dessa fé. Terra/espaço era uma arena em que Deus agia com poder em favor de seu povo (considerem-se o chamado de Abraão e seus descendentes e a aliança que Deus estabeleceu com eles, o tema Êxodo/Sinai, a conquista da terra e sua colonização, o cativeiro longe da terra, o retorno para ela, o Novo Israel). Muitas das promessas de Deus se relacionavam de modo direto à posse original (ou à posterior recuperação) de uma propriedade específica. Não é exagero dizer que, durante os anos em que a história de Israel é registrada na Bíblia, suas raízes nessa “terra” proporcionaram a seus fiéis a identidade básica, a segurança e até mesmo a prosperidade. Quando estavam sem a posse da terra, era frequente os israelitas serem descritos em termos que refletiam conotações de precariedade — sem terra, sem rumo e sem raízes:

- “Hóspede temporário” (Gn 12.10; 15.13; 47.4; Êx 6.4; Dt 10.19b; 26.5b; cp. Hb 11.13) — O *hóspede temporário* era um estrangeiro residente, alguém que não era do lugar e não podia se estabelecer para desfrutar dos privilégios concedidos aos cidadãos.
- “Errante” (Nm 32.13; Os 9.17; Dt 26.5b) — O *errante* era alguém a caminho de lugar nenhum. Não era apenas uma pessoa entre uma parada e outra, na verdade era alguém sem nenhum destino ou pátria específicos.
- “Exilado” (2Rs 18.11; Is 5.13; 49.21; Ez 39.23; Ed 1.11) — O *exilado* era alguém que havia sido tirado ou privado da própria terra à força e obrigado a viver em outro “lugar”.

Quer levado para o Egito, quer para a Babilônia ou outro lugar, não ter terra equivalia a não ter esperança. A fé israelita de aliança estava muito baseada e arraigada em acontecimentos que ocorreram em certos lugares *neste mundo*. Havia acentuada consciência de uma pátria, uma área geográfica definida, em que até mesmo o solo era divinamente consagrado, algo que se pode chamar de “Terra Santa”.¹¹ É possível descrever acertadamente a fé de Israel com base em sua essência “aqui e agora” — uma fé em que o princípio ascético de 1João 2.15-17 estava em grande parte ausente.

De modo semelhante, nos evangelhos do Novo Testamento boa parte dos ensinamentos de Jesus pode ser relacionada ao local em que ele estava na ocasião. Jesus falou sobre “água viva” quando estava junto ao poço de Jacó (Jo 4.10); denominou-se o “pão da vida” quando se encontrava em Cafarnaum, onde se fabricavam moinhos basálticos para cereal (Jo 6.48); afirmou que Pedro era a “rocha” contra a qual as “portas do Hades não prevalecerão” quando estava em Cesareia de Filipe, que, no mundo clássico, era associada aos Oráculos de Elêusis e à morte da filha de Deméter por Hades, o deus do mundo dos mortos (Mt 16.18); e falou sobre a fé que pode mover uma montanha quando estava na estrada para Betfagé, de onde seus discípulos poderiam ter facilmente olhado para o sul e visto vestígios de uma montanha que Herodes, o Grande, havia fisicamente “movido”, a fim de construir seu palácio/fortaleza, o Herodium (Mt 21.21,22).

Em uns poucos casos parece que Jesus se deu ao trabalho de se desviar de seu caminho com o intuito de transmitir uma lição num lugar específico. Numa dessas ocasiões, contou a parábola de certo nobre que viajara a um país distante para conseguir poderes régios. No entanto, cidadãos se opuseram à nomeação e enviaram uma delegação para expor suas objeções a que ele reinasse. De maneira que, quando voltou com sua autoridade recém-obtida, esse nobre atacou impiedosamente aqueles que haviam se oposto a ele e sido desleais com ele (Lc 19.11-27). Essa “parábola” é uma lembrança assustadora de acontecimentos reais que envolveram Arquelau, o filho mais

velho de Herodes, o Grande. Depois da morte de Herodes, em 4 a.C., Arquelau viajou da Judeia para Roma a fim de conseguir uma “etnarquia” — uma autorização oficial para governar uma província. O historiador judeu Josefo nos conta que Arquelau recebeu o título, apesar do protesto de mais de 8 mil judeus em Roma, incluindo uma delegação que também havia viajado da Judeia.¹² Depois de voltar à Judeia com seus novos poderes, Arquelau não perdeu tempo e se vingou impiedosamente de seus depreciadores. Josefo também escreveu que Arquelau dedicou bastante tempo e atenção à cidade neotestamentária de Jericó e seus arredores: reconstruiu com muita suntuosidade o palácio herodiano de Jericó, construiu uma cidade próxima de Jericó e lhe deu o próprio nome e desviou águas de irrigação para suas plantações de tamareiras, situadas a apenas 3 quilômetros de Jericó.¹³

É interessante assinalar que Jesus contou a parábola enquanto saía de Jericó a caminho de Jerusalém, o que significa que seus ouvintes deviam estar na estrada romana que margeava o palácio herodiano recém-reconstruído e ficava próxima aos canais de irrigação que levavam água da região montanhosa da Judeia para Jericó e arredores. Aliás, é possível demonstrar que muitos dos ensinamentos de Jesus estão relacionados especificamente com o ambiente geográfico em que foram apresentados. Ele falou sobre vários tipos de solo, o vento oriental, as flores do campo e ramos que permanecem em videiras. Mais tarde, observa-se uma correlação geográfica entre a forma centrífuga peculiar da Grande Comissão de Jesus em Atos 1.8 (“[partindo de] Jerusalém, [depois] em toda a Judeia e Samaria, e [por fim] até os confins da terra”) e a apresentação que o livro faz da expansão do movimento apostólico inicial.

Também para a fé cristã — e não somente para a fé judaica — muitos acontecimentos de importância crucial na história bíblica ocorreram em *lugares bem definidos* na terra — não num espaço vazio, nem no céu (e.g., os locais do nascimento, crucificação, ressurreição e ascensão de Cristo; o trajeto das primeiras viagens missionárias apostólicas etc.). Caso o evangelho cristão fosse apenas uma questão relativa ao mundo vindouro ou tratasse só de valores espirituais ou morais, é improvável que seria importante saber mais sobre a dimensão espacial da Bíblia e dificilmente os escritores bíblicos teriam situado geograficamente no texto acontecimentos fundamentais do Novo Testamento. Mas ele não é uma coisa nem outra! Um aspecto central do querigma do Novo Testamento é

a afirmação de base de que Deus se tornou humano num momento específico no tempo e num ponto preciso no espaço. Não ter consciência do DNA geográfico da Bíblia ou ignorá-lo significará, com frequência, entrar em choque com o raciocínio bíblico ou diluir a realidade em sentimentalismo.

Equipada com um conhecimento geográfico da Bíblia, a pessoa tem melhores condições de entender expressões como “as primeiras e as últimas chuvas”, “forte vento do leste” ou “terra que dá leite e mel”. Da mesma forma, é possível avaliar melhor o efeito escaldante do sol quente de Israel; as implicações da falta de chuva e a importância do orvalho para não haver perda das plantações; o predomínio da adoração da fertilidade (Baal); a natureza das divindades egípcias, cananeias e mesopotâmicas; as migrações de Abraão, Moisés e Neemias; o terreno que as forças de Josué conseguiram conquistar, mas pelo qual os filisteus não conseguiram passar seus carros; o assombroso sucesso de Davi ao escapar, quando foi caçado por Saul; a psicologia social do ministério de João Batista; o(s) motivo(s) por trás da mudança esperta de Jesus, de Nazaré para Cafarnaum; e as espantosas distâncias que o apóstolo Paulo viajou. Além disso, as declarações dos profetas fazem mais sentido visto que predisseram que viria um dia maravilhoso, quando vales serão levantados, montanhas serão abaixadas, um terreno acidentado e irregular se transformará em plano e suave e até mesmo as águas do mar Morto se tornarão cristalinas e fonte de vida marítima abundante.

Desenvolver uma percepção espacial é componente necessário e valioso de qualquer estudo sério da Bíblia. À semelhança da própria Bíblia, a formulação da fé ocorre a partir do contexto espacial e temporal da qual fazia parte. Por esse motivo, a disciplina geográfica deve se tornar tanto o objeto quanto o veículo de alguns dos estudos mais compensadores e esclarecedores da Bíblia; fica claro que ela merece investigação detalhada.

A Jericó do Antigo Testamento fica ao lado da fonte mais abundante da Canaã oriental (no alto da foto). As marcas das escavações arqueológicas são visíveis no tell.



UMA INTRODUÇÃO GEOGRÁFICA AO MUNDO DA PALESTINA

COMO PARTE DO CRESCENTE FÉRTIL¹⁴

Cercada pelos mares Mediterrâneo, Negro e Cáspio, existe uma imensa formação geológica de montanhas altas e escarpadas, conhecida pelo nome de Cinturão Alpino do Himalaia [v. **mapa 1**]. Essa paisagem rochosa e irregular se estende dos montes Pireneus, no norte da Espanha, para o leste, numa linha praticamente ininterrupta de 11 mil quilômetros, que vai até a altaneira cordilheira do Himalaia, na Índia e no Nepal, e o espinhaço Tsinling Shan, no interior da China. Perto do centro dessa longa elevação montanhosa, ficam os imponentes montes Taurus, Pônticos, Urartu e do Curdistão, todos na Turquia, os quais, em alguns lugares, chegam a uma altura de cerca de 5.200 metros, com cumes cobertos de neve o ano inteiro, e as cordilheiras de Zagros e Elburz, situadas no Irã (nas quais uns poucos cumes chegam a mais de 5.450 metros, os mais altos de todo o Oriente Próximo). Quer acádica, egípcia, assíria, babilônica, fenícia, persa ou grega, em seus propósitos imperialistas as civilizações antigas nunca conseguiram superar ou transpor totalmente esse terreno descomunal. Aliás, antes do tempo de Júlio César todos os impérios do Oriente Próximo foram, em grande parte, contidos por essa barreira setentrional. Além do mais, à espreita, nas reentrâncias sombrias daquelas montanhas, sempre houve povos ferozes que periodicamente ameaçavam o domínio semita da fronteira norte.

Bem mais ao sul, começando no litoral atlântico do norte da África e indo na direção leste, há uma imensa área de terreno quase sem água. Conhecido como deserto do Saara, esse ambiente estéril e ermo se estende para além do mar Vermelho e cobre toda a península Arábica, onde é conhecido pelo nome de deserto da Arábia. A zona árida atravessa as montanhas do Irã na direção norte e prossegue pelo deserto do Sal (Dasht-e Kavir) e a bacia de Tarim, até alcançar o deserto de Gobi, no sul da Mongólia. Em alguns lugares, chegando a ter mais de 1.600 quilômetros de largura e estendendo-se por quase 8 mil quilômetros ao longo de dois continentes, essa faixa de areia inóspita e sinistra constituiu, na Antiguidade, mais uma barreira intransponível para o imperialismo e a civilização.

Cercada por essas duas barreiras naturais de montanha e deserto, encontra-se uma faixa estreita e semicircular de terra relativamente arável que, partindo perto de Gaza (At 8.26) [**mapa 2**], no canto sudeste do Mediterrâneo, vai para o norte formando um arco, atravessando Israel, Líbano e oeste da Síria. Próximo do canto nordeste do Mediterrâneo, essa faixa se encurva para o leste e, então, para o sudeste, basicamente seguindo as planícies inundáveis dos vales dos rios Tigre e Eufrates e chegando até a foz desses rios, no golfo Pérsico. Desde a época do egiptólogo James Breasted,¹⁵ essa faixa de terra é conhecida como “Crescente Fértil”. Nesse Crescente, a humanidade inventou o arado, a

roda, a alavanca, o parafuso e o arco. Ali os seres humanos aprenderam a domesticar animais, cultivar cereais e produzir alimentos, agrupar construções e construir cidades, trabalhar com metal e escrever (primeiro, pictográfica e, mais tarde, alfabeticamente). Foi nesse crescente de civilização que a humanidade desenvolveu o conhecimento, a música, a literatura, as leis, a matemática, a filosofia, a medicina, a astronomia, a cartografia, a química e o calendário.

Correndo o risco de simplificar demais, é possível dividir o Crescente Fértil em duas regiões topográficas, conhecidas respectivamente como “Mesopotâmia” e “Levante”. A palavra “Mesopotâmia” (termo grego que significa “[a terra] entre os rios”) foi aplicada à região oriental já na época dos escritos de Políbio, Estrabão e Josefo (200 a.C. a 100 d.C.).¹⁶ Ainda antes, os tradutores da Septuaginta (LXX) empregaram a palavra para designar o distrito de onde o patriarca Abraão havia emigrado (Gn 24.10), designado pelos escribas de língua hebraica como Arã Naaraim (“Arã dos dois rios”). Provavelmente, deve-se entender que essa expressão hebraica delimita apenas a terra entre os rios Eufrates e Balih, também conhecida como Padã-Arã (“o campo de Arã” [e.g., Gn 28.8s; 33.18; 35.9]), e não toda a extensão entre o Tigre e o Eufrates [v. **mapas 2 e 30**]. Mesmo assim, por convenção, as referências à “Mesopotâmia” denotam atualmente a “ilha” de terra delimitada, ao oeste e ao sul, pelo Eufrates, ao leste, pelo Tigre, e, ao norte, pelos maciços isolados dos montes Taurus e do Curdistão. A planície baixa da Mesopotâmia fica a uma altitude de cerca de 495 metros em algumas regiões no norte e se inclina suavemente na direção do golfo Pérsico [v. **mapa 2**].

Variações na precipitação atmosférica criam duas estepes distintas na Mesopotâmia, uma úmida e uma seca. A estepes úmida recebe mais de 300 milímetros de chuva anualmente. Caracteriza-se por sedimento de cor marrom-avermelhada, pastagens perenes, capins e arbustos, em especial à medida que se vai do oeste para o leste. Essa área entre os rios Eufrates e Balih está muito associada aos patriarcas bíblicos e consiste em colinas baixas e pedregosas e sem vegetação, exceto quando regadas na primavera. Entre os rios Balih e Habur, a estepes é menos árida e até mesmo relativamente fértil na primavera e no início do verão. A área é bem própria para pastoreio de animais, mas assim mesmo a sobrevivência nessa parte da estepes dependia de inúmeros poços ali espalhados (Gn 24.11; 29.2). Parece que na Antiguidade a área não foi intensamente ocupada ou cultivada.

O alto rio Habur aparece no mapa na forma de um triângulo invertido, onde o terreno achata consideravelmente. Chuva suficiente e solo bom têm permitido o florescimento da agricultura desde a Antiguidade remota, produzindo com abundância o melhor cereal de toda a Mesopotâmia.

Margeando ambos os lados da extremidade sul desse triângulo, afloramentos montanhosos retêm a terra e os depósitos minerais trazidos do norte pela água. Como consequência, essa região tende a permanecer coberta de grama o ano todo, mesmo nos meses de verão e outono, de modo que propiciava pastagens viçosas para os pastores da Mesopotâmia; era para essa região que eles, vindos das regiões ao sul do Eufrates, migravam durante a primavera e o verão. As montanhas também produzem basicamente toda a madeira nativa disponível na Mesopotâmia: pinheiros, carvalhos, terebintos e pistaceiras. Em tempos modernos álamos têm sido plantados em boa parte de toda a Mesopotâmia, tanto para servir de barreira para o vento quanto para uso na construção.

Em contraste, a maior parte da estepe seca se caracteriza por solo desértico de gesso cinzento, pastagens sazonais de raízes superficiais, arbustos esparsos e — onde o solo é suficientemente profundo — uma limitada agricultura de sequeiro com colheitas no inverno. Abaixo do nível de precipitação pluviométrica de 200 mm, só ocorre — e em escala limitada — agricultura com irrigação. A planície de inundação do Médio Eufrates, em particular na área de Deir ez-Zor e no sul, chega a ter 90 metros de profundidade e 13 quilômetros de largura. O solo de humo depositado ali pelo Eufrates e o Habur é ideal para a agricultura, e sabe-se que durante todo o período bíblico existiu em toda essa região uma série de povoados. Em escala bem mais limitada, as mesmas condições existem ao longo de um trecho curto do Médio Tigre, na região em torno de Samarra, onde depósitos trazidos pelo Tigre e o Baixo Zab criaram uma base de

ricos sedimentos aluviais. O solo do sul da Mesopotâmia é uniformemente duro e quase impermeável. O cenário exhibe dunas e formações criadas pelo vento, resultado de areia transportada do deserto da Arábia. Ao mesmo tempo, o sul da Mesopotâmia sempre teve de enfrentar o problema de um lençol freático mais elevado por causa de irrigação excessiva, o que levou a um aumento crescente da salinização do solo. Aliás, alguns estudiosos sugerem que a decadência da civilização suméria naquela região e a consequente mudança dos centros culturais para o norte poderiam ser atribuídas à lenta salinização do solo.¹⁷ Está longe de haver certeza disso, embora saibamos com segurança que a economia suméria dependia fortemente de colheitas de cereal produzido localmente, uma produção muito maior do que se conseguiu ter mais tarde, quer na Antiguidade, quer em qualquer outra época desde então.¹⁸

A região entre a confluência do Tigre e do Eufrates e o golfo Pérsico é conhecida como canal ou rio Shatt el-Arab. Duas vezes por dia o nível de água nessa área sobe e desce aproximadamente 1,8 metros, o que é motivo de periódicas disputas fronteiriças entre Iraque e Irã. Do ponto de vista geográfico, a flutuação possibilita que a água salina do golfo avance para o interior, criando assim uma área pantanosa que restringe seriamente a habitação humana.

Esse panorama geral permite perceber que a expressão “Crescente Fértil” está bastante sujeita a uma interpretação

O sustento tanto da cidade de Diyarbakir (na linha do horizonte) quanto das ovelhas locais (à direita do rio) depende das águas do alto rio Tigre.



Barreiras geográficas e o mundo antigo



